QUAIS OS CURSOS PREFERIDOS PELOS ALUNOS DOS NOSSOS GINÁSIOS?

ARRIGO LEONARDO ANGELINI
Da Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Relata, o presente artigo, uma pesquisa que realizamos entre alunos de ginásio, com o intuito de verificar os interêsses dêsses adolescentes por cursos posteriores ao ginasial.

A pesquisa, que fêz parte de um estudo mais amplo sôbre interêsses profissionais (3), foi levada a efeito na seguinte população: todos os alunos que freqüentavam a quarta série ginasial de todos os estabelecimentos oficiais de ensino da Capital de São Paulo, dos cursos diurnos, no ano letivo de 1953 e que compareceram às aulas nos dias em que as aplicações foram feitas.

Partindo da hipótese de que, em nosso meio, os alunos das escolas públicas representam, realmente, a população escolar, pois são admitidos sem qualquer distinção de religião, raça, côr, ou nível sócio-econômico, não será difícil aceitarmos a afirmação de que a população considerada representa os alunos da quarta série ginasial, em geral.

A expressão do interêsse do adolescente, no caso, teve base na escolha do curso ou cursos que pretendesse seguir depois de concluir o curso ginasial, e na declaração do motivo de tal escolha. Foram, assim, formuladas duas perguntas: uma, relativa ao curso que seria escolhido, e a outra, sôbre a razão de tal escolha.

Outra pergunta, colocada em primeiro lugar, teve apenas a função de introduzir as duas já referidas (*1*). Além disso, foram solicitados aos investigandos os seguintes dados pessoais: sexo, idade, profissão do pai e da mãe.

A despeito de termos perguntado pouco, êsse questionário forneceu dados que nos permitiram inferências muito significativas sôbre os nossos estudantes.

AS AMOSTRAS ESTUDADAS

Antes de apresentar as respostas ao questionário, julgamos

(1) As perguntas formuladas foram as seguintes:
a) Terminado o curso ginasial você pretende continuar estudando?
b) Que curso escolherá?
c) Por que?

oportuno um breve exame da composição das amostras utilizadas no estudo dos dados coligidos.

A população já referida, na qual foi aplicado o questionário, compunha-se de 801 indivíduos, sendo 309 (38,58 %) do sexo masculino e 492 (61,42 %) do sexo feminino — fato que vem revelar que as meninas, em maior número do que os meninos, procuram o ginásio.

Para tratamento dos dados, resolvemos retirar, dessa população, duas amostras ao acaso (pela tabela de Fisher), estratificadas quanto ao sexo (cem indivíduos de cada sexo).

Vejamos, primeiramente, a composição das amostras quanto à idade dos indivíduos. As idades, consideradas apenas em números inteiros, variaram desde 14 até 19 anos, tanto para o grupo masculino como para o feminino (Fig. 1).

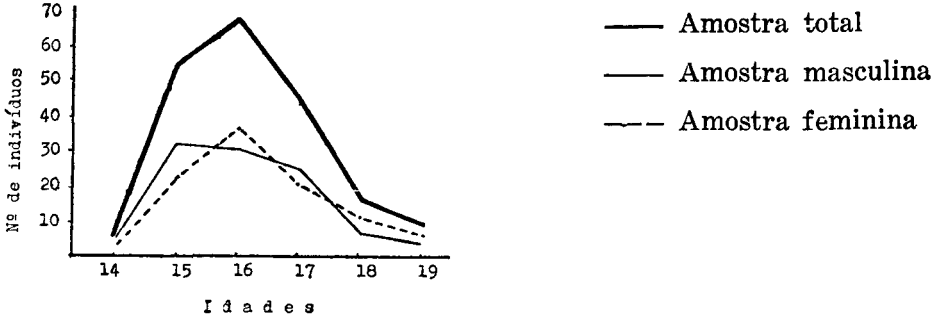


Fig. 1 — Representação gráfica da distribuição dos indivíduos das amostras, segundo a idade

Outra verificação que nos pareceu interessante no estudo da composição das amostras é a que diz respeito à profissão dos pais.

Consideremos, em primeiro lugar, as profissões dos progenitores do sexo masculino.

Tabulando essas profissões, pudemos construir a Figura 2, onde elas aparecem da maior para a menor freqüência, agrupando-se, no final, tôdas as profissões que apareceram uma única vez, sob a denominação "outras profissões" (Fig. 2).

Nota-se nesse quadro que as três profissões que evidenciam maior freqüência são, respectivamente, as de comerciante, industrial e comerciário, dentre as trinta e sete profissões diferentes, declaradas pelos alunos.

No caso das profissões maternas (Fig. 3), nota-se que a grande

Curioso é notar que, de modo geral, a amostra feminina apresenta idades maiores do que a masculina. Para o grupo masculino tivemos, como idade mais freqüente, 15 anos e, para o feminino, 16 anos. Na amostra total, entretanto, a idade de 16 anos foi a mais freqüente.

maioria das respostas recaiu sôbre a atividade "prendas domésticas". Segundo as declarações dos alunos, oitenta e três e meio por cento das mães se ocupam de trabalhos caseiros, sendo que os restantes dezesseis e meio por cento exercem alguma profissão fora de casa, figurando, em primeiro lu-

gar, a de professôra primária, com freqüência bem acentuada dentre as 14 profissões declaradas.

Dos noventa e cinco restantes, setenta e um já se haviam decidido por um curso que lhes daria uma formação profissional; os ou-

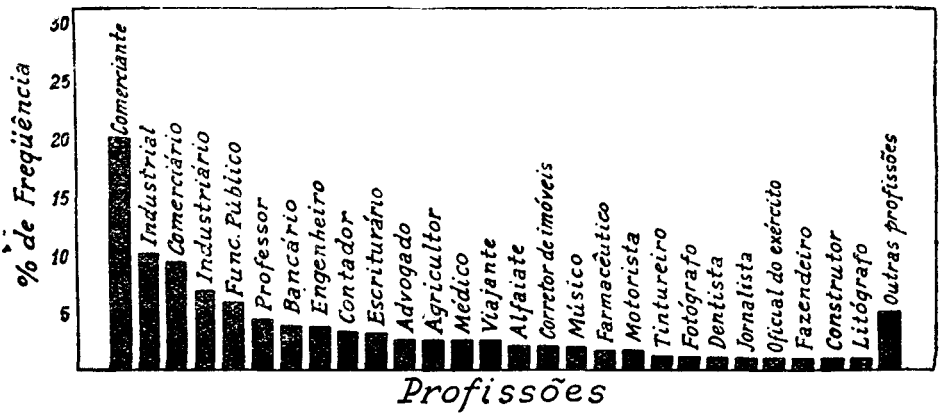


Fig. 2 — Representação gráfica da freqüência das profissões paternas

AS ESCOLHAS DO GRUPO MASCULINO

Pelo exame das respostas que os cem adolescentes estudados deram ao questionário, pudemos observar que todos declararam pretentros vinte e quatro declararam apenas a escolha do curso colegial. Dêstes, vinte e dois escolheram o curso científico; um, o clássico; e um permaneceu indeciso entre os dois tipos de cursos colegiais.

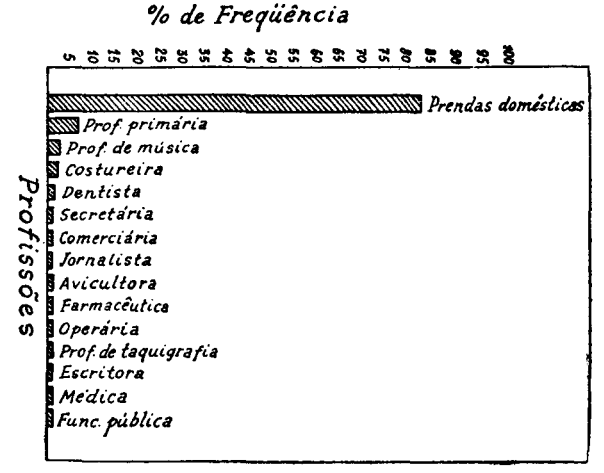


Fig. 3 — Representação gráfica da freqüência das profissões maternas

der continuar estudando, uma vez terminado o curso ginasial, embora cinco dêles não houvessem ainda decidido sôbre o curso a seguir.

Os setenta e um adolescentes que já haviam resolvido sôbre o futuro curso de natureza profissional que desejariam seguir, in-

dicaram noventa e cinco escolhas (*1*) que se distribuem como nos mostra a Figura 4.

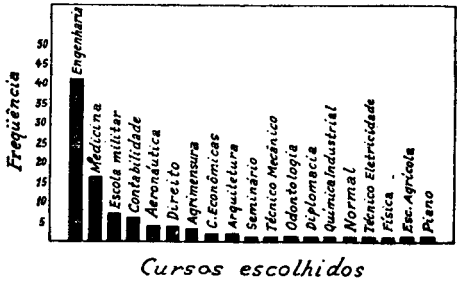


Fig. 4 — Representação gráfica da freqüência dos cursos escolhidos pelos adolescentes do sexo masculino

Em tais escolhas, nota-se a impressionante freqüência com que aparece o curso de engenharia, secundado pelo de medicina, enquanto os demais exibem freqüências muito baixas.

Considerando os cursos de natureza profissional escolhidos, que implicam na realização anterior do curso colegial, e tomando ainda as escolhas que se limitaram apenas a êste último curso, verificamos que assombrosa maioria dos alunos, ao deixar o curso ginasial, faz opção pelo colégio científico. Curioso é notar que um único indivíduo manifestou a escolha do curso normal. E, mesmo assim, êsse adolescente escolheu também o curso científico, declarando ser esta a sua preferência, ao passo que a primeira escolha seguia a vontade dos pais.

O fato de o maior número pretender, como profissão, a engenharia ou a medicina não estaria demonstrando um fenômeno espantoso que se verifica entre os nossos estudantes secundários e que reclama a atenção urgente dos orientadores educacionais ?

AS ESCOLHAS DO GRUPO FEMININO

Na amostra feminina, encontramos apenas um caso em que a adolescente declarou não pretender continuar estudando após o curso ginasial. Assim, noventa e nove por cento das moças pretende prosseguir os estudos, número que talvez não fôsse tão elevado há alguns lustros atrás. Dessas noventa e nove moças, seis não tinham decidido sôbre o curso a seguir, sete declararam o curso científico, duas o clássico (*2*) e duas permaneceram indecisas diante dêsses dois tipos de curso colegial. As oitenta e duas adolescentes restantes fizeram cento e trinta e duas escolhas de cursos distribuídos segundo revela a Figura 5.

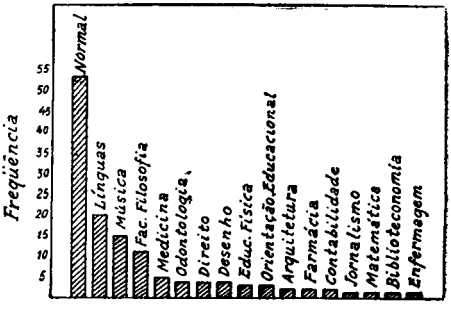


Fig. 5 — Representação gráfica da freqüência dos cursos escolhidos pelos adolescentes do sexo feminino

Verifica-se, assim, que as moças apresentaram maior número

(1) O número de escolhas é maior do que o número de indivíduos, porque muitos dêstes escolheram mais de um curso.

(2) Não se computou aqui, como já não computáramos no grupo masculino, a escolha do curso colegial, quando viesse acompanhada da do curso de natureza profissional a ser seguido posteriormente.

de escolhas do que os rapazes. Isto ocorreu, em grande parte, porque as que optaram pelo curso normal, freqüentemente indicavam algum outro curso para ser seguido posteriormente, ou paralelamente ao primeiro.

Os cursos mais vêzes escolhidos pelas moças foram: normal, cursos de línguas, de música, cursos não especificados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com freqüência acima de dez, em cada caso. Dessa forma, verifica-se que as escolhas femininas são mais

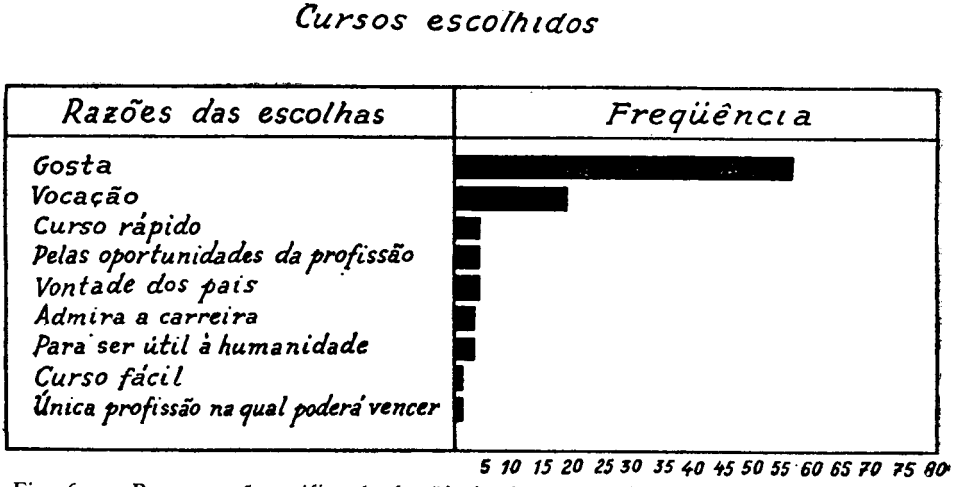


Fig. 6 — Representação gráfica da freqüência das razões das escolhas apresentadas pelos adolescentes do sexo masculino

dispersas do que as masculinas; estas, como vimos, concentram-se, pràticamente, em dois cursos apenas. No caso feminino em que pese à maior dispersão, é de se notar a grande freqüência de escolha do curso normal.

RAZÕES DAS ESCOLHAS

Tabuladas as respostas dadas à última pergunta do questionário, obtivemos uma visão geral das razões de escolha dos cursos posteriores ao ginasial, alegadas pelos indivíduos estudados.

As razões declaradas pelo grupo masculino aparecem na Figura 6 e as do grupo feminino, na Figura 7.

Comparando-se os dois sexos, ressalta logo à vista que as moças apresentaram maior freqüência de razões para as escolhas que fizeram: as noventa e três que já não guardavam dúvida sôbre o curso desejado, justificaram a sua preferência com cento e trinta e seis razões, que foram classificadas em onze categorias diferentes; enquanto os noventa e cinco rapazes apresentaram apenas noventa e quatro razões, que se puderam classificar em nove categorias.

Em ambos os sexos, a razão mais freqüentemente alegada foi a que se traduziu pela expressão: "porque gosto", surgida cinqüenta e seis vêzes para os rapazes (59,57 %) e setenta e sete entre as moças (56,62 %). Quando êsse "gostar" era esclarecido com maiores explicações, passava então a

integrar outra categoria. No grupo feminino, surgiram quinze respostas (11,03 %), onde essa expressão abrangia as atividades envolvidas pela profissão e não se cingia à profissão como um todo. É o caso, por exemplo, das moças que afirmavam querer seguir o curso normal, porque gostavam de ensinar e de cuidar de crianças.

Outra observação interessante que se pôde fazer quanto às razões alegadas, foi a distinção, comum a ambos os sexos, entre gostar e ter "vocação", categoria esta, a segunda em freqüência, para ambos os sexos. É possível que, por um lado, os adolescentes não estabeleçam diferenças entre "gostar" e ter "vocação", mas, por outro lado, pode-se presumir que ao escolherem as carreiras que desejam, admitam que haja diferenças significativas entre gostar de uma profissão e possuir as aptidões indispensáveis às atividades próprias dessa profissão. É isto, por certo, o que querem significar com a palavra "vocação".

As alegações dos investigandos fazem supor ainda que, pelo menos conscientemente para êles, os pais têm pouca influência nas escolhas dos futuros cursos ou carreiras, pois essa razão aparece apenas sete vêzes no grupo feminino (5,15 %) e quatro no masculino (4,26 %).

O exame geral das Figuras 6 e 7 permite-nos a conclusão de que os motivos das escolhas de cursos ou carreiras pelos nossos adolescentes *são aparentemente* os mais legítimos, por assim dizer, pois a freqüência maior corresponde à vontade própria do adolescente, baseada no fato de gostar ou de sentir que tem aptidões para tais cursos ou carreiras.

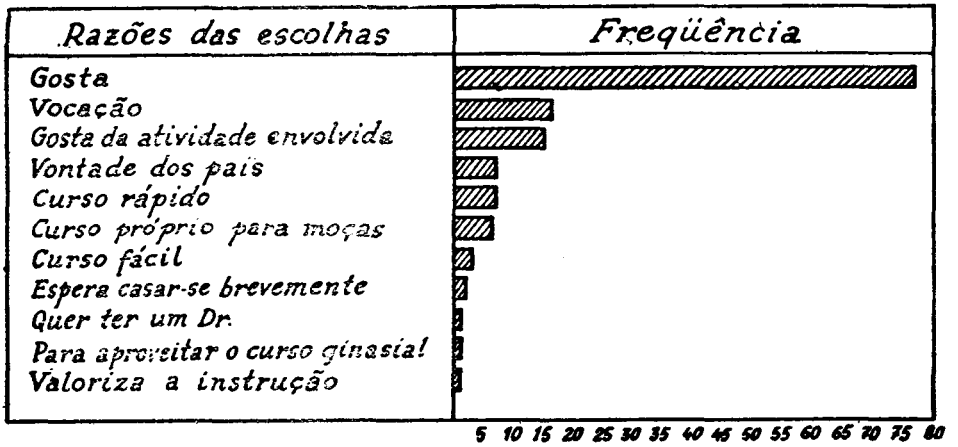


Fig. 7 — Representação gráfica da freqüência das razões das escolhas apresentadas pelos adolescentes do sexo feminino

Resta-nos saber, entretanto, se êsses adolescentes estão realmente bem informados sôbre tais cursos e carreiras, sôbre as profissões correspondentes e sôbre as próprias aptidões.

Quanto a isto, temos sérias dúvidas e assistem-nos razões para tanto, quando observamos que, no

grupo masculino, por exemplo, nada menos de sessenta por cento dos indivíduos se concentraram na escolha de apenas duas profissões, dentre as inúmeras, de nível superior, existentes.

INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Por termos utilizado amostras estratificadas apenas quanto à variável sexo, é neste particular que os resultados da pesquisa podem oferecer maior contribuição quanto às diferenças individuais de interêsse. Verificamos o que inúmeras outras investigações têm revelado: as moças interessam-se mais por atividades sociais, linguísticas, estéticas e humanitárias; os rapazes, por atividades científicas, sobretudo.

Considerando as preferências por cursos de natureza profissional entre os rapazes investigados, vimos que, em primeiro lugar, aparece o curso de engenharia e, em segundo, o de medicina.

Para as moças destacou-se, sobretudo, a preferência pela carreira do magistério.

Exatamente as mesmas preferências foram observadas em rapazes e moças, estudantes de escolas secundárias em três outras investigações de que temos notícia, realizadas no Brasil: uma por Rudolfer (18), entre adolescentes da cidade de Curitiba, outra, no Rio de Janeiro, entre alunos da quarta série ginasial do Instituto Rabello, pelo Serviço de Orientação Profissional do Escolar, do I. S. O. P., (12) e outra em São Paulo, ainda entre alunos de quarta série ginasial, por Giordano (7). Concordam, portanto, as preferências profissionais dos adolescentes de três cidades brasileiras.

Em outros países, pesquisas no gênero, com adolescentes, têm revelado também resultados muito semelhantes aos que obtivemos. Miner verificou que a maioria das meninas preferia trabalhos de pouca responsabilidade e que envolviam pessoas ao invés de coisas. Os meninos preferiam profissões que envolviam riscos e desconfortos, quando compensados êstes por salário alto, planejamento e não, submissão a planos dos outros, direção e não, obediência. (*1*) Num estudo não publicado, Darley (*2*) apresenta também dados interessantes: dentre determinada população, 17 % dos meninos e 1 % das meninas escolheram a engenharia, como futura profissão; 19 % das meninas e apenas 4 % dos meninos desejavam ser professôres e 8 % dos meninos e 3 % das meninas esperavam realizar trabalhos de rotina. Hicks e Hayes (10), num estudo das características de estudantes de escola secundária, relatam que a maioria dos rapazes escolheu a engenharia, a medicina e a agricultura, e as moças, o magistério, o comércio e a enfermagem. Roeber e Garfield (17) encontraram, entre as meninas, preferência por secretária-estenógrafa, professôra e enfermeira; e, entre os meninos: fazendeiro, engenheiro e aviador. Outra pesquisa a respeito foi efetuada por Lehamn e Witty (14): a maioria das adolescentes (90 %) optou por profissões de tipo sedentário, enquanto os ado-

(1) Anastasi e Foley, (2), pág. 665.
(2) Citado por Berdie, (5), pág. 139.

lescentes preferiram trabalhos que abrangem viagem e movimentação em áreas mais amplas. As primeiras, ao contrário dêstes, inclinaram-se por profissões que requerem apreciação estética e também ensino; o sexo masculino mostrou preferir dar ordens e as meninas recebê-las. As profissões da preferência de cada um dos sexos foram, respectivamente: meninos — aviador, engenheiro civil e engenheiro eletricista; meninas — estenógrafa, secretária, enfermeira e bibliotecária.

Por todos êsses estudos, que não são mais que alguns exemplos, verifica-se que, não sòmente no Brasil, como em outros países, há, nas preferências profissionais manifestadas pelos jovens, como que um desequilíbrio em relação com as profissões existentes, ainda que se considerem apenas as de nível superior. Parece-nos que é a valorização de certas profissões, criada pela própria cultura em que vive o adolescente, a qual lhes empresta prestígio ou as considera lucrativas, o fator responsável por essa situação de fato.

Clark e Withers afirmam que as escolhas profissionais são fortemente influenciadas pelo ambiente social, existindo mesmo verdadeiras ondas de interêsse por determinadas profissões, que refletem a situação social dominante no momento.

Sòmente nessa base é que se pode explicar a percentagem elevada de rapazes que, em nossa investigação, escolheram o curso de engenharia, confirmando o que outros estudos já haviam revelado no Brasil e alhures. A profissão de engenheiro, principalmente no mundo moderno e particularmente em nosso país, que passa por um grande surto de progresso industrial e urbano, se afigura aos jovens como carreira promissora e de grandes oportunidades de realização. Por isso, é preciso que pais e orientadores se acautelem: o prestígio social, as promessas de remuneração elevada não deverão constituir os motivos mais importantes para a escolha de uma profissão.

É certo que a cultura em que se vive imprime em cada um de nós padrões de comportamento, determina níveis de aspiração e oferece inventivos para a busca de certas situações e rejeição de outras, mas não é menos certo que, quando se trata de escolha da ocupação a ser exercida durante a vida, é preciso considerar, em primeiro lugar, as possibilidades individuais.

Hartmann (9), ao afirmar que, nos Estados Unidos mais de um têrço das moças deseja exercer o magistério e a mesma proporção de rapazes pretende a engenharia, admite que essa supervalorização de certas carreiras profissionais indica uma situação social e econômica doentia, porque, por ação do prestígio e da aprovação sociais, os interêsses profissionais se distribuem de um só lado.

Se a escolha unilateral dos adolescentes representa um problema de ordem social, por outro lado, no próprio indivíduo vai repercutir desfavoràvelmente, pois é certo que, se muitos desejam seguir a mesma carreira, sòmente uma pequena percentagem consegue afinal nela ingressar. Grande será, pois, o número dos frustrados nos seus intentos.

Inúmeras pesquisas, realizadas principalmente nos Estados Unidos da América do Norte, têm tra-

zido à luz as diferenças alarmantes entre a proporção dos adolescentes que desejam certas ocupações e a dos profissionais já em exercício no mesmo ramo. Bingham, adaptando dados colhidos por Adams na cidade de New York, revela-nos as discrepâncias que se observam entre a expressão das preferências profissionais e as oportunidades ocupacionais da comunidade. Assim, por exemplo, enquanto cento e cinco rapazes, em cada mil, desejavam ser médicos, apenas cinco indivíduos em mil o eram, na população da cidade. Por outro lado, quatro rapazes, em cada mil, desejavam ser balconistas, mas na comunidade havia oitenta e nove em cada mil, exercendo essa profissão (*1*). Rainey e outros (*2*) revelaram que, nos estados de Ohio, New Jersey e Indiana, nos Estados Unidos, de vinte e nove a trinta e sete por cento dos adolescentes mostraram preferência por profissões liberais; no entanto, as estatísticas da mesma época acusavam apenas 6,7 % de pessoas em tais profissões.

Reportando-nos aos dados do presente trabalho, poderemos fazer um estudo semelhante, pela comparação entre os cursos escolhidos pelos adolescentes e a profissão dos pais. Para isso, vamos considerar as escolhas dos cursos, feitas pela amostra masculina e as profissões paternas da amostra total, de um lado; e de outro, as escolhas da amostra feminina e as profissões maternas do grupo total.

No primeiro caso, o simples exame das Figuras 2 e 4 revela as enormes discrepâncias existentes entre o que pretendem os nossos jovens e as oportunidades profissionais, quando traduzidas pelas profissões paternas da amostra total.

Tomemos apenas os dois cursos mais vêzes escolhidos pelos nossos investigados do sexo masculino: engenharia (43,16 %) e medicina (16,84 %). Como se vê, a percentagem é impressionante: sessenta por cento das escolhas feitas pelos rapazes que concluem o curso ginasial recaem nessas duas carreiras, que são de nível universitário e exigem: inteligência superior, muitos anos de preparação, recursos econômicos para essa preparação, além das aptidões convenientes, em cada caso.

No entanto, examinando-se as profissões paternas, verifica-se uma percentagem de 3,5 % de engenheiros e 2,5 % de médicos. Se estas percentagens, que perfazem seis por cento, significarem aproximadamente as oportunidades que em nosso meio existem para as duas profissões aludidas, e se essa proporção se mantiver inalterada durante, digamos, dez anos. teremos, de cêrca de dez adolescentes que desejam as profissões de engenheiro ou médico, apenas um alcançando o objetivo; nove serão frustrados nos seus anseios.

Êsse fato é, na verdade, alarmante e aí está a reclamar a atenção dos nossos orientadores educacionais.

Outras comparações semelhantes a estas poderão ser feitas com os dados que colhemos, revelando que os jovens alunos dos nossos ginásios estão precisando urgente-

(1) Bingham, (6), págs. 106 a 109.
(2) Cit. por Hurlock, (11), pág. 273.

mente de uma orientação profissional mais segura, que atenda, não sòmente às possibilidades de cada indivíduo como também às exigências do meio em que vivemos

No caso da comparação entre as escolhas de cursos pela amostra feminina e as profissões ou atividades maternas do grupo total (Figs. 3 e 5), observam-se também fatos muito significativos. A grande maioria das mães ... (83,5 %) limita-se às atividades domésticas: no entanto, a maior parte das adolescentes pretende obter formação profissional.

Já vimos que, de tôda a amostra, apenas uma adolescente declarou que não continuaria os estudos; dezessete disseram ou que ainda não haviam decidido ou que seguiriam o curso colegial, e oitenta e duas indicavam cursos de natureza profissional. Vê-se mais uma vez que a adolescente de nossos dias anda preocupada com a própria formação profissional e busca, para isso, os cursos necessários; não mais permanece em casa a espera do matrimônio.

O curso que representou a preferência feminina foi o normal, figurando em mais de quarenta por cento das escolhas, ao passo que, entre as profissões maternas, a de professôra primária aparece com freqüência de seis por cento. Entretanto, é preciso que se esclareca, êsse fato não é tão alarmante quanto o que se notou com a profissão de engenheiro, no grupo masculino. Muito freqüentemente, as moças escolheram, além do curso normal, um outro, que lhe seria concomitante ou posterior. Isto nos levou a admitir a hipótese de que grande número de moças que escolheu o curso normal não pretende, realmente, dedicar-se ao magistério primário, mas sim prosseguir o estudo, seja de línguas, música ou de algum curso de Faculdade de Filosofia.

Por que então, com tanta freqüência escolhem a escola normal? Não colhemos dados que nos permitam resposta objetiva e segura a essa pergunta. A razão mais alegada foi: "porque gosto". Apareceram também outras razões como: "por ser um curso rápido", "fácil", ou "próprio para moças".

Nossa interpretação, apresentada tão sòmente como hipótese, é a de que se trata, mais uma vez, de influência da cultura. A despeito de tôdas as transformações sociais havidas ùltimamente, a despeito de não mais causar estranheza o fato de a mulher exercer as profissões mais diversas possíveis, a nossa cultura ainda vê com melhores olhos as moças que se dirigem às escolas normais. Por isso, a moça de hoje ainda escolhe, com grande freqüência, o curso normal, embora não se contente com êsse curso apenas; ao escolhê-lo, muitas vêzes, já decidiu que não irá exercer o magistério primário. Além disso, há atualmente maiores oportunidades de preparação em nível superior para os egressos das escolas normais. A êstes já é permitida a inscrição aos exames de habilitação em vários cursos superiores, o que não se verificava há alguns anos atrás. Por outro lado, o mercado de trabalho representado pelo magistério primário acha-se, no momento, saturado, obrigando as normalistas a procurarem outras profissões.

Na influência da cultura, podemos destacar a ação, mais direta, da família. Esta influência,

que tem sido objeto de inúmeras investigações, em geral pode ser de dois tipos: o filho segue a mesma profissão do pai; ou: a família determina ou sugere qual deva ser a profissão mais conveniente ao jovem, embora diferente da exercida pelo pai. Muitos autores têm revelado que ambas influências, a própria profissão dos pais ou o desejo dêles, determina efeito profundo nas escolhas profissionais dos adolescentes. Investigando as causas das escolhas de profissões, por estudantes de escola secundária, Beeson e Tope, (4) concluíram que os pais constituem a influência mais importante, tanto para os rapazes como para as moças. Peters, (15) baseado em uma pesquisa, afirma que a família é a agência de maior importância na determinação da escolha profissional. Já Schiller relata que a influência dos pais aumenta à medida que o ambiente familiar apresenta nível mais alto e Haggerty e Nash (8) verificaram que muitos adolescentes seguem os passos da família quando esta possui bom nível cultural, mas outros jovens desejam ocupação de nível mais elevado ou de maior prestígio social.

Por outro lado, muitas outras investigações têm revelado pequena influência da família nas escolhas juvenis. Estudando mais de quatro mil alunos de escola secundária, Kroger e Louttit (13) observaram que apenas um pequeno número de rapazes desejava seguir a profissão dos pais; a maioria dos alunos escolhia carreira de nível mais elevado que a do pai e, de modo geral, os filhos de pais que exerciam profissões mais elevadas sofriam mais a influência dêstes do que os alunos cujos pais exerciam profissões mais modestas. Em outro estudo, levado a efeito no "North Carolina State College", a fim de verificar que fatôres sociais estavam associados com as escolhas profissionais dos alunos, Anderson (*1*) verificou que apenas doze por cento escolheram a profissão paterna e, por outro lado, dez por cento acreditavam ter sido influenciados, nas escolhas gerais, por sugestão paterna. Numa pesquisa com estudantes de direito, Almeida Junior (*1*) encontrou decisões influenciadas pelos pais, numa proporção de cêrca de dez por cento.

Em nossa investigação, vimos que os adolescentes não declararam com grande freqüência a influência dos pais entre os motivos das escolhas de cursos: entre os rapazes, apareceu quatro vêzes êsse motivo (4,26 %); e, entre as moças, sete (5,15 %). Assim, para ambos os sexos, essa razão pôde sel classificada em quarto lugar. Pela comparação que fizemos entre as escolhas dos rapazes e as profissões paternas, pudemos ver — dadas as discrepâncias notadas — que os filhos, de modo geral, não querem seguir as profissões dos pais. Quase sempre, os adolescentes escolheram profissões de nível mais elevado que a de seus pais (*2*). No entanto, quando os pais possuiam profissões de nível superior, os jovens tinham a tendência a escolher a mesma profissão ou profissão semelhante.

(1) Cit. por Berdie, (5).
(2) Fenômeno de "capilaridade" social, examinado por Almeida Junior, (1).

Assim sendo, é de se presumir, tomando-se como base os dados por nós coligidos, que em nosso meio não há grande influência da família nas escolhas profissionais dos adolescentes, ou pelo menos, êstes dela não se dão conta conscientemente.

Todavia, é preciso que se esclareça, esta interpretação dos nossos resultados é apresentada a título de hipótese apenas, uma vez que, por não termos planejado nossa pesquisa com o fito de investigar especìficamente êsse problema, os dados que colhemos não nos autorizam conclusão mais segura.

Quando perguntamos aos nossos investigados *por que* escolhiam os cursos que pretendiam seguir depois do ginasial, vimos que a maioria das respostas traduzia motivos pessoais e não influência direta de outrem, da qual tivessem consciência. Isso se revelou através das respostas "porque gosto" ou por "vocação", que foram as mais freqüentes tanto para os rapazes como para as moças.

Outras investigações, especialmente levadas a cabo para estudar as razões das escolhas profissionais dos adolescentes, têm revelado resultados que concordam com os que obtivemos, indicando motivos pessoais entre os de maior freqüência. Assim, por exemplo, Katz e Allport (*1*) verificaram, em estudantes do "college", oitenta e dois por cento de respostas "porque gosto", como razão para a escolha da profissão; e Hurlock e Jansing (*2*) com estudantes de "high-school", também obtiveram, em primeiro lugar, a razão "porque gosto", em ambos os sexos.

CONCLUSÕES

A pesquisa que realizamos revela, no tocante às escolhas de cursos feitos, que a carreira de engenharia e a do magistério são as mais escolhidas, respectivamente pelos rapazes e moças, alunos de nossos ginásios.

A concentração das escolhas dos nossos jovens em uma, ou algumas correiras apenas, representa, sem dúvida, uma situação anômala que está a reclamar a atenção urgente dos orientadores educacionais.

Essa situação anômala talvez se deva, por um lado, à influência parcial da cultura sôbre as escolhas individuais: possìvelmente, o prestígio social de uma profissão, as promessas de remuneração elevada, o considerar-se "adequada" uma certa profissão para indivíduos de um dado sexo ou outros fatôres semelhantes, estão influindo mais, talvez, nas decisões dos adolescentes do que os verdadeiros interêsses dêstes, quando relacionados com as atividades de cada profissão. De outro lado, pode ser o resultado da ignorância na qual se encontra o indivíduo sôbre as próprias capacidades e sôbre a conveniência destas à atividade profissional escolhida. Ainda, em terceiro lugar, o fenomeno poderá ser explicado, quiçá, pelo desconhecimento das exigências que a profissão faz aos atributos individuais. Além disso, não seria possível oferecer oportunidade de preparação para todos os jovens que chegam até a Universidade, se êstes escolheram apenas uma carreira, rejeitando as demais que são igualmente impor-

(1) e (2) Cit. por Peterson, (16), pág. 532.

tantes e úteis à coletividade. Ainda que tal fôsse possível, não haveria, ulteriormente, em nosso meio, oportunidades de colocação para todos os diplomados.

Estudando a última pergunta do questionário, verificamos que há identidade dos dois sexos quanto à motivação mais freqüente — a profissão escolhida por gostarem dela. Igualmente, em segundo lugar, tanto moças como rapazes atribuem a escolha feita à "vocação". Assim, pelos dois motivos predominantes, assiste razão para crer-se que as escolhas feitas o tenham sido, na base da adequação da atividade escolhida, aos atributos pessoais. Entretanto, êstes resultados, quando combinados com os que mostraram a concentração das escolhas em uma ou algumas carreiras apenas, revelam-nos que a própria motivação dos adolescentes já está afetada pelas condições culturais e pela ignorância de certos elementos indispensáveis a uma boa escolha profis.-sional.

A influência da família na decisão dos adolescentes revelou-se, nos dados obtidos, muito pequena para ambos os sexos.

Os nossos resultados, de modo geral, confirmaram os de três outras pesquisas semelhantes, que sabemos realizadas no Brasil: uma, entre adolescentes da cidade de Curitiba, outra, entre alunos de um ginásio do Distrito Federal e outra entre ginasianos da cidade de São Paulo, além de, em certos aspectos, confirmarem os resultados de pesquisas realizadas no estrangeiro.

BIBLIOGRAFIA:

1 Almeida Junior, A. — "Por que escolhem os moços a Faculdade de Direito ?" Rev. Bras. de Est. Pedagógicos, vol. V, n. 13, 93-114; 1945.

2 Anastasi, A. e Foley, J. P. — "Differential Psychology". New York: Macmillan; 1949.

3 Angelini, A. L. — "O papel dos interêsses na escolha da profissao. Aferição de um inventário de interêsses profissionais". Tese de Livre-Docência à Cadeira de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; 1954.

4 Beeson, M. F. e Tope, R. E. — "A study of vocational preferences of high-school students". Voc. Guid. Mag., 7, 115-119; 1928.

5 Berdie, R. F. — "Factors related to vocational interests". Psyc. Bull., 41, 137-157; 1944.

6 Bingham, W. V. D. — "Aptitudes and Aptitude Testing". New York: Harper; 1942.

7 Giordano, E. — "A escolha da profissão na quarta série ginasial e a orientação educacional na escola secundária." Rev. de Administração, 15-16, 3-40; 1950.

8 Haggerty, M, E. e Nash, H. B. — "Mental capacity of children and paternal occupation." J. Educ. Psychol., 15, 559-573; 1924.

9 Hartmann, G. W. — "Interests, Attitudes and Ideals". in Skinner, C. E.: "Educational Psychology". New York: Prentice-Hall; 1951.

10 Hicks, J. A. e Hayes, M. — "Study of the characteritics of 250 junior high-school children" Child Develpm., 9, 219-242; 1938.

11 Hurlock, E. B. — "Adolescent Development" New York: MacGraw-Hill 1949.
12 I. S. O. P. — "Relatório de Atividades do Serviço de Orientação Profissional Escolar". Arq. Brasil. de Psicotéc. 1, 43-61; 1949.
13 Kroger, R. e Louttit, C. M. — "The influence of father's occupation on the vocational choice of high-school boys". J. Appl. Psychl., 19, 203-212; 1935.
14 Lehman, H. C., e Witty, P. A. — "Sex differences in vocational attitudes". J. Appl, Psychl, 20, 576-585; 1936.
15 Peters, E. F. — "Factors which contribute to youth's vocational choice." J. Appl. Psychol., 25, 428-430; 1941.
16 Peterson, H. A. e outros. — "Educational Psychology" — New York: Macmillan; 1948.
17 Roeber, E. e Garfield, S. — "Study of the occupational interests of high-school students in terms of grade placement." J. Educ. Psychol, 34, 355-362; 1943.
18. Rudolfer, N. S. — "Pesquisa sôbre a escolha da profissão por adolescentes da cidade de Curitiba". Apostila do I. S. O. P.; 1949,

SUMMARY

The courses which the students of our secondary schools prefer

The Author presents a research on the vocational interests of the 4th. grade students of the secondary schools of the city of S. Paulo. In an introduction he describes the sample and the questionnaire used. This questionnaire included some questions about: whether the student intended or not to take other courses after finishing the Gymnasium, what kind of courses were chosen, and the reasons that accounted for his decision. Some data regarding sex, age and occupation of the parents were also asked. This questionnaire was given to the 4th. grade students of all the public secondary schools of the city of S. Paulo. The first sample included 309 boys and 492 girls, ages from 14 to 19. Two random samples were taken from that one, with 100 cases each, and stratified as concerning sex.

The results show that most of the girls chose courses on education, and most of the boys chose engineering. This concentration does not seem to be normal and can be due to momentary social factors, a lack of vocational guidance, etc.

The most frequent reason presented accounting for the students' decisions was that they liked that kind of work. The opinion of the parents did not seem to have great influence.

On the whole the results agree with those of other similar researches already made in this country.

RESUMÉ

Les cours que les étudiants prefèrent dans nos écoles secondaires

L'auteur nous présente une recherche realisée avec tous les étudiants de la 4ème année de l'école secondaire publique de São Paulo, sur leurs intêrets de vocation.

Premièrement il y a une description de l'échantillon et du

questionnaire employé. Quelques questions demandent si l'étudiant pense continuer à étudier une fois l'école secondaire achevée, quels sont les études qu'ils ont choisis et qu'elles sont les raisons de leurs décisions. D'autres questions demandent sur l'age, le sexe et l'occupation des autres membres de la famille. Le premier échantillon comptait 309 garçons et 492 filles, de 14 à 19 ans. Deux échantillons, de 100 cas chacun furent choisis au hasard et classifié par rapport le sexe.

Les résultats indiquent que la pluspart des filles choisissent les cours sur l'éducation et que les garçons choisissent ceux d'ingénieurs. Cette donnée ne semble pas être normale et peut être due par des facteurs sociaux du moment, ainsi que par un manque d'orientation vocationnelle.

La raison la plus fréquente donnée par les étudiants pour leurs décisions étaient qu'ils aimaient ce genre de travail. L'opinion des parents ne semblait pas compter.

Les résultats obtenus sont concordantes avec d'autres recherches similaires déjà realisées dans ce pays.